

Muita gente continua intrigada e perguntando o "por que" a cidade celebrou em 1939 o bi-centenário de sua fundação. A geração moça atual desconhece completamente as razões que determinaram as brilhantes festividades com que Campinas saudou o nascimento e os primeiros dias daquele memorável ano, com a inauguração de uma exposição feira que marcou época, manifestações várias pelos nossos centros de cultura, conferências, desfiles, etc.

Ainda agora, há pouco tempo, um colega perguntava "quem fora o autor", qual o "pândego" autor da memorável comemoração, ao tempo em que era governador do Estado o sr. Ademar Pereira de Barros.

Posso eu contar quem foi o "pândego". Foi um ilustre lente do Ginásio do Estado, de Campinas, que lembrou o ano de 1939 como ponto de partida de fundação de Campinas, de seu bi-centenário pois que o centenário de sua elevação a Município, em 1897, fora também recebido com júbilo pelo povo campineiro. Chamava-se dr. Ernesto Khulmann, era, como escrevi, lente jubilado pela antiga fundação da qual fora iniciador Antonio Pompêo de Camargo e velhos campineiros; redator da Gazeta de Campinas, vereador pelo Partido Republicano Paulista, homem de cultura invulgar, amigo de todos os estudantes a quem chamava carinhosamente de "futuros povoadores do Fundão", orador dos mais admiráveis e admirados. Esse foi o "pândego" qualificado assim por um jornalista amigo, a quem muito prezo. E foi justamente ali pelos idos de 1936, quando Campinas celebrava com festas não menos memoráveis a passagem do centenário de nascimento de Carlos Gomes, que Ernesto Khulmann apresentou na Câmara (escrevo de memória) uma indicação para que em 1939 a cidade celebrasse o bi-centenário de sua fundação partindo-se do princípio de que fora em 1739, data lembrada em artigo do historiador Benedito Otávio e ano em que Francisco Barreto Leme partira de Jundiá para fixar residência e adquirir terras em Campinas, como de fato aconteceu.

Isso foi discutido na redação da Gazeta de Campinas e entre seus redatores e colaboradores, pois que ali era o reduto jornalístico do velho partido político, que tantas glórias deram a nossa Campinas.

De maneira que, lançada a idéia e proclamada na tribuna da Câmara Municipal de Campinas pelo dr. Ernesto Khulmann, tomou corpo e vulto e o Prefeito Municipal, tempos depois, lançava as primeiras bases para as grandiosas festas que então se realizaram, durante vários meses daquele ano, cujos fatos não quero relembrar pois que se tornam desnecessários para os fins desta crônica.

De maneira que marcando-se 1739-1939 como data da fundação de Campinas, numa época em que a cidade não poderia ter uma data festiva para comemorar, despertando o sentimento cívico de nossa gente e notadamente das crianças e a cidade nada mais fez senão procurá-la numa era em que os documentos escasseavam. Aos poucos, no entanto, a história foi se aclarando, e como se mudara a data da fundação da Bahia, do Rio de Janeiro e até de nossa pátria, nada mais se fez do que se apurar, afinal, uma que fosse precisa para que os campineiros festejassem-na como o advento de seus primeiros dias de glórias imarcessíveis e de seu fastígio inatacável, Capital Agrícola da Província que fora, Princesa D'Oeste e terra das andorinhas.

E, por entre conferências nas escolas, no Centro de Ciências, Letras e Artes, notadamente, com nomes de homens de cultura invulgar produzindo trabalhos pela imprensa, com reuniões de arte realizadas no Teatro Municipal, que fora inaugurado em

1930, tivemos principalmente a exposição organizada por Henrique José Pereira, com a publicação de uma Revista Oficial da Exposição Feira — 1739 — 1939, do Bi-Centenário de Campinas.

A Comissão de Honra teve como Presidente o sr. Euclides Vieira, então Prefeito Municipal, integrando-se sub comissões com os nomes de autoridades de todos os setores da vida pública, cultural, social, militar e sacerdotal, além de um Conselho Consultivo, presidido pelo dr. Luiz Albino Barbosa de Oliveira, comissões e sub comissões de esportes, ornamentação, publicidade, de arte, de festejos religiosos, festejos populares. Foi na publicação oficial, no entanto, que Francisco Quirino dos Santos, fundador da Gazeta de Campinas contou em princípio a história da cidade, em que ele marca a vinda de Barreto Leme para a antiga lande, quando se formou um núcleo "em torno do Bosque chamado Mato Grosso". Nesse escrito, o antigo poeta e membro do Instituto Histórico e Geográfico de Portugal, assinala que a data da realização da primeira missa em nossa cidade, foi realizada em 17 de julho de 1773 e não como querem insinuar modernos historiadores que conhecem a história de Campinas por ouvir dizer.

Na publicação também oficial, conforme assinalei, vem transcrita a "Ordenação oficial para a fundação de Campinas", em 27 de maio de 1774.

Diga-se de passagem em que nessa mesma publicação, SEM DOCUMENTO QUE É SEMPRE HISTÓRIA, assinalou-se em artigo não assinado e, portanto, apócrifo como o lançamento o constante do Livro do Tombo, a primeira missa celebrada por humilde apóstolo da ordenação franciscana, frei Antonio de Pádua, a 14 de julho de 1774. Mas, a verdade teria de ficar com o documento escrito, com a ordenação para fundação da cidade, com a nomeação de Francisco Barreto Leme seu diretor e fundador, em 27 de maio daquele mesmo ano. O documento escrito elimina quaisquer diz-que-diz que, fulano disse que sicrano falou. O papel, o documento marca no tempo e na história com o ferro e o selo da verdade.

Mas, voltando a 1939, em 3 de setembro desse ano realizou-se perante avultada assistência, tanta quanto poderia comportar o Teatro Municipal, depois mercedosamente "Carlos Gomes", uma sessão solene de comemoração oficial da fundação de Campinas e da passagem de seu bi-centenário, quando Guilherme de Almeida, proferiu uma palestra sobre "poetas campineiros". Abrindo a sessão, no entanto, li um poema que havia escrito sobre os duzentos anos de fundação de Campinas e ao finalizar sua leitura, fui saudado pelo saudoso vate campineiro com estas palavras carinhosas: "Meu amigo. Eu é que sou o poeta e o senhor é que fala cantando..."

Que me perdoem aqueles que me lêem, mas essas palavras são de ouro para minha lembrança, ainda mais proferida pelo grande campineiro, de quem fui amigo até os últimos dias de sua vida.

Ficou, por esta forma, escrita nas páginas da história de Campinas a glorificação de seu bi-centenário de fundação, e esta explicação que ofereço àqueles que me perguntam constantemente o motivo de meus comentários sobre o "bi-bi", se inteiram de um trecho da história de Campinas. Queria apenas, assinalar ainda, quando discutia com um grande amigo meu e historiador e genealogista de verdade, que duvidando de que Barreto Leme estivesse em Campinas em 1739. Perguntei-lhe o motivo da sua dúvida. "É que", disse-me ele, "nesse ano sua mulher dera à vida mais um filho, e portanto Barreto Leme deveria andar por lá... em Taubaté".

E fui obrigado a responder: "Afinal de contas quem deu a luz? Foi ele ou a mulher?..."